

## INTRODUÇÃO

«Nós — com a ajuda de Deus — apelamos a todos os muçulmanos que acreditam em Deus e desejam ser recompensados que se sujeitem à ordem de Deus para matar os americanos e pilhar o seu dinheiro onde e quando o encontrem. Também apelamos à *ulema* [comunidade] muçulmana, aos líderes, jovens e soldados para lançarem o ataque às tropas sa-tânicas dos Estados Unidos e aos apoiantes do demónio que se aliam a ele e para substituírem aqueles que os protegem para que possam aprender uma lição.» (Declaração de Guerra de Osama bin Laden, em conjunto com líderes da Frente Mundial Islâmica para a Jihad Contra os Judeus e os Cruzados [Al-Jabhah al Islamiyyah al‘Alamiyyah Li-Qital al-Yahud Wal-Salibiyyin], Afeganistão, 23 de Fevereiro de 1998)

A Al-Qaeda é o primeiro grupo terrorista multinacional do século XXI e confronta o mundo com um novo tipo de ameaça. As perspectivas dos historiadores e dos cientistas políticos são fundamentais para compreender e comunicar com a Al-Qaeda, mas podem levar a uma desvalorização do fenómeno com que nos confrontamos. Desde que a onda contemporânea de terrorismo teve início no Médio Oriente, em 1968, não tinha surgido nenhum grupo semelhante à Al-Qaeda. Esta organização transferiu o terrorismo muito para além do estatuto de técnica de protesto e resistência, transformando-o num instrumento global para combater e desafiar a influência do Ocidente no mundo muçulmano. A Al-Qaeda é um movimento de nível mundial, capaz de mobilizar um novo conflito global e até aqui nunca imaginado. Este livro descreve em pormenor a ameaça que a Al-Qaeda representa e oferece uma perspectiva para formular uma contra-estratégia nos próximos anos de conflito.

O meu livro tenta traçar um retrato abrangente de uma organização cujo alcance global e ameaça a longo prazo vinha, até há muito pouco

tempo, a ser subestimada. Durante os últimos cinco anos, passei várias centenas de horas a entrevistar mais de 200 terroristas, incluindo membros da Al-Qaeda, em mais de cinquenta países da Ásia (incluindo a Ásia Central), de África, do Médio Oriente e da Europa Ocidental. O meu interesse inicial em analisar o grupo que agora conhecemos pelo nome de Al-Qaeda começou com uma série de visitas ao Paquistão e a Azad Caxemira, entre 1993 e 1995, quando entrevistei quase todos os líderes da *mujahidin* de Caxemira, cujas fileiras tinham aumentado com a chegada de árabes afegãos, após a retirada dos Soviéticos, em 1989.

Mais recentemente, tive oportunidade de contactar e falar directamente com membros da liderança da Al-Qaeda e com as suas tropas. Através do meu trabalho para os governos como consultor para o terrorismo, tinha estado em contacto com as autoridades em mais de doze Estados, incumbido de entrevistar prisioneiros e detidos por suspeitas de associação com a Al-Qaeda, ou mesmo de fazerem parte da rede da organização. Tanto as minhas entrevistas anteriores ao 11 de Setembro como as subsequentes permitiram-me estabelecer a imagem pormenorizada da Al-Qaeda que aqui apresento. Para além disso, também me permitiram esboçar o retrato de Osama bin Laden que apresento mais à frente e de realçar a sua determinação, não apenas em ocupar o MAK (Maktab al Khidmat lil Mujahidin al-Arab, ou Gabinete Afegão de Serviços)/Al-Qaeda, mas igualmente de os transformar — contrariando a visão de Abdullah Azzam, o seu fundador e líder intelectual — numa frente terrorista global. Também falei com muitos especialistas governamentais em grupos terroristas islamitas, incluindo a Al-Qaeda.

Os meus conhecimentos sobre as ligações entre a Al-Qaeda e os seus grupos associados no Médio Oriente, na Ásia e na Europa baseiam-se, em parte, em entrevistas com membros da Al-Qaeda e na análise de telefonemas, correio electrónico e outras comunicações. Estas incluem transcrições de comunicações entre líderes da Al-Qaeda e líderes associados como as que tiveram lugar entre Osama bin Laden e Hasan Hattab, chefe do GSPC (Grupo Salafista para a Predicação e o Combate), e entre o então chefe de operações de Osama, Abu Zubaydah, e Hashim Salamat, chefe da MILF (Frente de Libertação Islâmica Moro). A urgência dos tempos e o grau da ameaça que a Al-Qaeda representa levaram-me a divulgar as minhas conclusões da forma mais forte possível, com base naquilo que tive oportunidade de aprender e nos padrões que fui discernindo ao longo dos anos que pas-

sei a examinar documentos terroristas e oficiais e a entrevistar membros de organizações terroristas.

O parecer tradicional entre os especialistas dos serviços secretos era que o padrão emergente de terrorismo se baseava em células autónomas que actuavam de forma independente, em grande parte porque não tínhamos consciência da forma como a Al-Qaeda e outros grupos tinham regressado de forma inteligente ao contacto homem a homem, sobretudo através de mensageiros — um modo de se manterem informados que escapava aos meios técnicos governamentais de recolha de informação. Isto explica a razão para se ter negligenciado o facto de as células alemãs, britânicas, espanholas, holandesas e belgas da Al-Qaeda actuarem de forma concertada, situação descoberta apenas durante as investigações *post facto* sobre os antecedentes de Mohammad Atta e dos outros conspiradores do 11 de Setembro.

Ao perpetrar o maior ataque terrorista do mundo, em 11 de Setembro de 2001, a Al-Qaeda demonstrou a magnitude da ameaça e a sofisticação dos seus métodos. É uma inovação operacional pioneira de uma ameaça islamita global, que faz prever a possibilidade de conflitos mais ou menos contínuos com o Ocidente a longo prazo. Para combater e dominar esta ameaça, é necessário conhecer profundamente a Al-Qaeda e este livro pretende cumprir esse objectivo.

De onde surgiu a Al-Qaeda? E por que razão só começámos a ouvir falar dela tão recentemente, mesmo quando Bin Laden era conhecido há muito mais tempo? A armadilha que se deve evitar quando se avalia a Al-Qaeda enquanto organização é a ideia de que o que leva os grupos terroristas a agir é a publicidade para alcançarem o seu objectivo mais vasto. Se fosse assim, teriam sido enviados para a comunicação social comunicados da Al-Qaeda dactilografados cuidadosamente, reivindicando a responsabilidade pelos ataques. Até ao 11 de Setembro, nem Bin Laden nem os seus colaboradores mais próximos utilizaram alguma vez a expressão «Al-Qaeda». Acima de tudo, a Al-Qaeda é uma organização secreta, quase virtual, que nega a sua própria existência para poder continuar na sombra. Isto explica porque utiliza sempre outros nomes e identidades (como Frente Mundial Islâmica para a Jihad Contra os Judeus e os Cruzados) quando refere as suas actividades, convicções ou declarações, deixando-nos dessa forma a tentar adivinhar os seus verdadeiros motivos, as suas verdadeiras intenções. A Al-Qaeda mantém as suas práticas de segredo absoluto, mesmo quando lida com partidos islamitas e grupos armados que partilham os seus objectivos. Também para eles a Al-Qaeda constitui um enigma,

uma organização obscura a que muitos deles desejam «aderir» mas que apenas aceita uma pequena proporção dos elegíveis para recrutamento, devido à exigência do seu critério de selecção.

Em 1979, dois acontecimentos significativos — a revolução Islâmica no Irão e a invasão soviética do Afeganistão — marcaram o aparecimento de uma nova onda de movimentos islamitas que derrubaram o xá do Irão e expulsaram a União Soviética do Afeganistão. E foram o impacto duradouro da Revolução Iraniana e a derrota do comunismo que precipitaram a criação de mais de uma centena de movimentos islamitas contemporâneos no Médio Oriente, na Ásia, na África, no Cáucaso, nos Balcãs e também na Europa Ocidental.

Os seus fundadores tinham concebido meticulosamente a Al-Qaeda al-Sulbah (A Base Sólida) com o único objectivo de criar sociedades fundadas nos princípios islamitas mais severos. Em 1987, o ideólogo jordano de origem palestina Abdullah Azzam conceptualizou a Al-Qaeda. Definindo a sua composição, desejos e objectivos, escreveu no *Al-Jihad*, o jornal mais importante dos afegãos árabes:

Qualquer princípio precisa de uma vanguarda para o levar para a frente e, enquanto concentra o seu caminho na sociedade, empreende pesadas tarefas e enormes sacrifícios. Não existe ideologia, nem terrestre nem celeste, que não necessite de uma tal vanguarda que lhe dê tudo o que possui de modo a alcançar a vitória da sua ideologia. Transporta a bandeira por todo o interminável e difícil caminho até alcançar o seu destino na realidade da vida, pois Alá decidiu que o deveria fazer e dar-se a conhecer. Esta vanguarda é a Al-Qa'idah al-Sulbah para a sociedade desejada<sup>1</sup>.

Azzam — o pai ideológico da Al-Qaeda — foi o mentor de Osama bin Laden. Depois de, em 1984, terem fundado o Maktab al Khidmat lil Mujahidin al-Arab (MAK, ou Gabinete Afegão de Serviços), em Peshawar, no Paquistão, Azzam e Osama dirigiram-no em conjunto durante vários anos. Por intermédio da MAK, distribuíram propaganda, recolheram fundos e recrutaram novos membros, através de uma rede de delegações em trinta e cinco países (incluindo trinta em cidades norte-americanas). A MAK abrigou, formou e financiou a *jihad* anti-soviética afegã. Quando esta campanha, no final bem-sucedida, estava a chegar ao fim, Azzam dedicou-se a redireccionar o exército *mujahidin* para entrar noutro projecto, ideologicamente vantajoso. Se não o fizesse, ele temia que «essas armas transportáveis pudessem cair

nas mãos de bandidos que pusessem a segurança do povo em perigo e não os deixassem viver em paz»<sup>2</sup>. Em 1988, Assam, o então líder espiritual dos islamitas internacionais, delineou oito diretrizes para treinar a Al-Qaeda, o «grupo piedoso e a vanguarda pioneira». O documento de fundação da Al-Qaeda, publicado na *Al-Jihad*, afirma:<sup>3</sup>

Deve saltar para o fogo dos testes mais duros e para as ondas de desafios corajosos.

A liderança da formação partilha com eles a marcha de teste, o suor e o sangue. A liderança deve ser como o calor maternal de uma galinha cujos pintos crescem debaixo das suas asas, durante o longo período de incubação e formação.

Esta vanguarda tem de se privar de prazeres terrestres mesquinhos e deve manter a sua marca distinta de abstinência e frugalidade.

Da mesma forma deve ser dotada de uma forte crença e confiar na ideologia, instilada com muita esperança na vitória.

Deve existir uma forte determinação e insistência em continuar a marcha, demore o tempo que demorar.

A preparação da viagem é um dos pontos mais importantes desta marcha. As provisões compõem-se de meditação, paciência e oração.

Lealdade e devoção

Devem estar conscientes da existência de maquinações contra o Islão em todo o mundo.

Hoje em dia, estas mesmas qualidades são as mais claramente evidentes nos membros da Al-Qaeda — no Afeganistão ou em qualquer outro lugar. Seja num hospital ou numa prisão no Afeganistão, ou numa sala de tribunal da Virgínia ou em Nova Iorque, os seus soldados surgem-nos como pessoas que venceram o medo da morte. Para além de servirem como vanguarda pioneira, os quadros islamitas da Al-Qaeda gerados e apoiados pela ideologia de Azzam são uma fonte de inspiração para outros islamitas. Para pôr em prática a ideologia pan-islâmica de Azzam, Osama e os outros líderes da Al-Qaeda construíram uma organização com uma rede espalhada por todo o mundo.

No fim da *jihad* anti-soviética afegã, a sempre delicada situação política no Médio Oriente e no Afeganistão facilitou a internacionalização da Al-Qaeda. Tendo derrotado o «império do mal», conduzidos pelo zelo islamita, muitos árabes e asiáticos *mujahidin* (guerreiros de Deus), que voltavam a casa após a *jihad* (guerra santa) apoiada internacionalmente no Afeganistão, desejavam precipitar uma mudança